



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE PEDAGOGIA  
MODALIDADE LICENCIATURA

MÁRCIO JOSÉ DE SOUSA ARAÚJO

**CONTEXTUALIZANDO A INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA ANÁLISE CRÍTICA E  
DISCURSIVA**

PICOS – PI  
2015

MÁRCIO JOSÉ DE SOUSA ARAÚJO

**CONTEXTUALIZANDO A INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA ANÁLISE CRÍTICA E  
DISCURSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. MSc. Patrícia Lima de Barros

PICOS – PI

2015

## FICHA CATALOGRÁFICA

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade  
Federal do Piauí Biblioteca José Albano de Macêdo**

**A663c** Araújo, Márcio José de Sousa.

Contextualizando a indisciplina escolar: uma análise crítica e discursiva / Márcio José de Sousa Araújo. – 2014.

CD-ROM ; 4 ¾ pol. (41 f.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Profa. MSc. Patrícia Lima de Barros

1. Indisciplina. 2. Escola. 3. Educação. I. Título.

**CDD 371.5**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB  
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos treze (13) dias do mês de janeiro de 2015, na sala 798, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a defesa de Monografia de **Márcio José de Sousa Araújo** sob o título “**Contextualização da indisciplina escolar: uma análise crítica e discursiva**”.

Banca constituída pelos professores:

Profa. Me. Patrícia Lima de Barros	Orientador(a)
Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista	Examinador (a)
Profa. Esp. Erinalda de Sousa Hipólito Barros	Examinador (a)

Deliberou pela aprovação da candidata, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe média aritmética de 10,0.

Picos (PI) 13 de janeiro de 2015.

Orientador(a): Patrícia Lima de Barros

Examinador(a): Gustavo Silvano Batista

Examinador(a): Erinalda de Sousa Hipólito Barros

*Dedico primeiramente a Deus, aos meus pais, José Francisco de Sousa e Madalena de Sousa Araújo, a minha irmã Samara Madalena, ao meu avô. A minha orientadora Patrícia Barros pela dedicação, paciência e colaboração intelectual e a todos os meus familiares e amigos pela fé e pela dedicação, a todos muito obrigado.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado forças nos momentos difíceis ao longo dessa jornada.

A minha mãe Madalena de Sousa Araújo por sempre ter me apoiado, me incentivando sempre.

À minha irmã Samara Madalena e ao meu avô Francisco, pelo apoio em todos os momentos.

À minha orientadora Patrícia Barros, pela dedicação, paciência, atenção e compreensão.

Aos meus amigos inseparáveis Adan Sales, Jailton Rodrigues, Eginardes Luz e Alielson Amaro, por estarem sempre apoiando e me ajudando durante todo o curso.

A Elaine Sousa e aos demais que compõe a nossa turma.

Também gostaria de agradecer em especial a dois entes queridos que já se encontram com Deus, mas sei que onde estiverem estarão sempre olhando por mim: meu querido pai José Francisco de Sousa e minha avó Maria Ana de Sousa Araújo.

A uma amiga em especial, que sempre me deu força nos momentos de dificuldade.

A todos os meus familiares, tios, primos, e amigos.

E a todos os que, diretamente ou indiretamente, me ajudaram na realização desse trabalho meu muito obrigado...

“A educação exige os maiores cuidados, porque influi sobre toda a vida”.

**Sêneca**

## RESUMO

A indisciplina escolar está presente em todas as escolas brasileiras, tanto nas instituições públicas quanto nas privadas. Este problema cresce a cada dia que passa, por isso é considerado um dos maiores desafios pedagógicos da escola atual e é a principal dificuldade relatada pelos professores, quando questionados a respeito dos problemas por eles enfrentados. Apesar de onipresente, este fenômeno e as respostas a ele não costumam ser estudados de maneira profunda e eficaz nas universidades, durante a formação dos futuros pedagogos. Uma análise ampla e consequente da questão é, no entanto, necessária, pois a indisciplina é um fator complexo e pode ser ocasionada por diversas causas. Diante da relevância do tema, o presente trabalho aborda a indisciplina escolar no contexto social, numa perspectiva analítica e crítica. Com o objetivo de analisar o fenômeno em suas diversas dimensões, começou-se por caracterizar o que vem a ser a disciplina e pelo levantamento dos fatores que podem interferir na disciplina escolar. Em seguida, foram identificadas as causas da indisciplina e apresentadas algumas soluções para o problema, tendo por base abordagens que trabalham o comportamento. Para o alcance de tais objetivos, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, embasada em diversos autores, como Harris (1998) Zagury (2006) Rego (1996) Oliveira (1993) Raposo (2006) entre vários outros, que forneceram literatura sobre o tema. Como resultados, constatamos o quanto a indisciplina escolar pode interferir e prejudicar o trabalho docente e o processo ensino-aprendizagem, mas também observamos que a psicologia tem muito a contribuir com a educação no tocante ao problema da indisciplina, visto que ela conta com uma literatura muito útil para a obtenção de conhecimentos técnicos que facilitam o trabalho docente. Constatamos, também, que as licenciaturas deveriam explorar e estudar mais esse campo de conhecimento, uma vez que a indisciplina é um problema sério, que necessita de intervenções consistentes, mas que pode ser revertido, se abordado adequadamente.

**Palavras chaves:** Indisciplina. Escola. Problema. Educação.



## **ABSTRACT**

School discipline is present in all Brazilian schools, both in public institutions and in private. This problem grows every day, so it is considered one of the greatest educational challenges of the current school and is the main difficulty reported by teachers, when asked about the problems they face. Although ubiquitous, this phenomenon and the responses to it are not usually studied deeply and effectively in universities for the training of future teachers. A wide analysis and the subsequent question is, however, necessary because the factor is a complex discipline and can be caused by various causes. Given the importance of the topic, this study addresses the school indiscipline in the social context, an analytical perspective and critical. In order to analyze the phenomenon in its various dimensions, it was first characterize what becomes the discipline and the raising of the factors that can interfere with school discipline. Then, the causes of disruptive behaviors were identified and presented certain solutions to the problem, based on the behavior approaches that work. To achieve these objectives a bibliographic nature of research was carried out, based on several authors, as Harris (1998) Zagury (2006) Rego (1996) Oliveira (1993) Raposo (2006) among many others, who provided literature on the theme. As a result, we see how much the school indiscipline can interfere and hinder the teaching and the teaching-learning process, but we also observed that psychology has much to contribute to education in respect to the problem of indiscipline, as it has a literature very useful for obtaining technical knowledge that facilitate teaching. We note also that the degrees should explore and study more this field of knowledge, as indiscipline is a serious problem that needs consistent intervention, but that can be reversed, if approached properly.

Keywords: indiscipline. School. Problem. Education.

**Keywords:** Indiscipline. School. Problem. Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1.1 Metodologia da pesquisa</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>2 (IN)DISCIPLINA: CONCEITOS E NOÇÕES BÁSICAS</b> .....	15
<b>2.1 Contribuições psicológicas de autores influentes na pedagogia</b> .....	16
2.1.1 Sir Jean William Fritz Piaget.....	17
2.1.2 Burrhus Frederic Skinner.....	19
2.1.3 Lev Semenovitch Vygotsky .....	22
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>3. A CONTRIBUIÇÃO DE JUDITH HARRIS: UM NOVO PARADIGMA PARA A PSICOLOGIA</b> .....	23
<b>3.1 As implicações da teoria de Judith Harris para o âmbito educacional</b> .....	29
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>4. ANÁLISE DAS CAUSAS E DOS FATORES QUE IMPACTAM A (IN)DISCIPLINA ESCOLAR</b> .....	30
<b>4.1 Causa, fator e suas peculiaridades</b> .....	30
<b>4.2. Possíveis causas e fatores da indisciplina escolar</b> .....	31
4.2.1 A família .....	31
4.2.2 A escola.....	33
4.2.3 O professor.....	34
<b>4.3 Possíveis soluções para a indisciplina escolar</b> .....	35
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40

## 1. INTRODUÇÃO

A indisciplina escolar é um problema que vêm crescendo de maneira intensa e preocupante. Praticamente todas as escolas brasileiras enfrentam questões relacionadas ao comportamento do alunato em sala de aula. Esse fato chama a atenção e inquieta estudiosos da educação, e superá-lo tornou-se, hoje, um dos principais desafios pedagógicos enfrentados por gestores, pais e, principalmente, professores.

A indisciplina escolar interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem, como um fator que dificulta o aprendizado e prejudica o desempenho didático do professor. Assim, se faz necessário debater, analisar, entender e estudar o assunto, o que é feito de maneira sucinta na maioria das licenciaturas.

A presente pesquisa evidencia um tema rotineiro, bastante ressaltado por educadores, atuante nas nossas escolas públicas e privadas, que atinge milhares de alunos e profissionais envolvidos na educação, mas que ainda é pouco explorado, entendido e discutido no sentido de solucionar ou melhorar o problema apresentado.

Diante de tamanha relevância, o trabalho em pauta propõe-se a discutir o contexto social e a indisciplina escolar, analisando fatores que podem interferir no comportamento da criança em sala de aula. Antes disto, será necessário definir o que vêm a ser indisciplina, identificar suas causas e expor técnicas oriundas de diversos ramos e correntes da psicologia a respeito do comportamento humano.

Esta produção acadêmica baseia-se em pesquisa bibliográfica, e levanta questões de extrema importância, a serem compreendidas e discutidas por aqueles que fazem parte do nosso sistema educacional, principalmente os responsáveis pela formação docente e os que atuam em salas de aula da educação básica.

Esta produção apresenta metodologias de grande valia para o professor atuante. Nela serão expostas práticas oriundas de estudos sistemáticos, capazes de oferecer orientação sobre como trabalhar a indisciplina em sala de aula e de sugerir aos educadores a melhor maneira de lidar com questões comportamentais de seus discentes (e, conseqüentemente, ter um melhor desempenho e rendimento em seu trabalho). Traduz a compreensão da necessidade de uma abordagem

metodologicamente consistente e científica dos problemas enfrentados pelos professores em seu dia a dia.

### **1.1 METODOLOGIA DA PESQUISA**

A pesquisa científica é um importante instrumento na produção de conhecimentos e saberes. Para Rodrigues (2007, p. 2) “Pesquisa científica é um conjunto de procedimentos sistemáticos, baseados no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para os problemas propostos mediante o emprego de métodos científicos”. Este tipo de pesquisa contribui expressivamente na formação e qualificação do graduando. Ela permite a descoberta de novos conhecimentos e o aperfeiçoamento dos já existentes, que ajudam no processo de desenvolvimento humano. Segundo Amaral ([2010?], p. 6) “Adquirir conhecimento não é apenas saber sobre um objeto, mas ter a capacidade de utilizá-lo, extraíndo assim, todos os recursos que ele possa oferecer para a sociedade”.

São inúmeros os tipos de pesquisas e modalidades que enquadram-se em todas as áreas das ciências, e permitem o desenvolvimento adequado para o que se deseja investigar. As pesquisas podem ser classificadas em três grandes grupos, a exploratória, a descritiva e a explicativa. Estes grupos englobam diversas modalidades, como a pesquisa bibliográfica, documental, de levantamento, *ex-post-facto*, estudo de caso, entre outras.

A presente produção pretende ser um estudo bibliográfico. Toma como base, livros, artigos e monografias que ofereceram os pressupostos teóricos necessários para sua construção, como Rego, Skinner, Piaget, Vygotsky, Harris, Soares, Zagury. A pesquisa bibliográfica é utilizada em todas as produções científicas, por oferecer uma base de literatura indispensável na produção de qualquer trabalho, além de abranger limites que não se consegue apenas com a pesquisa de campo. De acordo com Gil (1999, p.45) “A importância da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que poderia pesquisar diretamente”.

No primeiro capítulo buscou-se conceituar os termos disciplina e indisciplina e discutir os impactos que esse problema pode ocasionar no meio educacional. Além disto, nele foram expostos estudos de grandes teóricos que influenciam a pedagogia e demonstrou-se como suas obras se entrelaçam com a educação. No segundo capítulo foi apresentado a teoria de Judith Rarris, e discutiu-se como seu trabalho

pode afetar a educação. No terceiro, frisou-se a necessidade de se combater a indisciplina escolar, evidenciou-se a importância da psicologia para um melhor trabalho docente, e foram colocados em pauta fatores que podem ocasionar e contribuir com a indisciplina, bem como técnicas que ajudam a resolver esse problema. Ao final, seguiram-se as considerações finais e as referências.

## 2. (IN)DISCIPLINA: CONCEITOS E NOÇÕES BÁSICAS

A sala de aula sempre foi e é marcada por grandes desafios ao professor(a). São muitas responsabilidades e metas a serem cumpridas em sua árdua e complexa tarefa de educar. São múltiplos os obstáculos a serem superados, vencidos. Entre tantos, um merece atenção especial, pois se alastra por todas as escolas brasileiras e vem crescendo de maneira intensa, a cada dia que passa. Esse fato tem chamado a atenção de estudiosos da área educacional e preocupado gestores, pais, e, principalmente, professores.

Esse problema crescente, que atinge nossas escolas, e que vem intensificando-se e ganhando proporções que trazem preocupações pedagógicas, chama-se indisciplina escolar. A indisciplina na escola é tema recorrente nas grandes pautas educacionais. Especialistas têm estudado e tentado compreender o assunto, que se revela de extrema importância na educação. Mas afinal o que é indisciplina escolar?

Para entendermos o que vêm a ser indisciplina é preciso saber o que é disciplina, que, de acordo com o Mini dicionário Aurélio significa,

1 - Regime de ordem imposta ou mesmo consentida, 2 - Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização, 3 - Relações de subordinação do aluno ao Mestre, 4 - Submissão a um regulamento, 5 - Qualquer ramo do conhecimento humano, 6 - Matéria de ensino. ( FERREIRA, 2000, p. 239).

Para Rego disciplina é,

Obediência cega a um conjunto de prescrição e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Nessa visão, as regras são imprescritíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo. (REGO, 1996, p. 85).

Segundo Tiba, disciplina se caracteriza por,

Um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola. (TIBA, 1996, p. 99).

Todos os conceitos levam, em sua essência, a ordem, obediência e regras a serem cumpridas. Já a indisciplina de acordo com Ferreira (2001, p. 384) é o “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina”. É, portanto, tudo que foge ou refuta os princípios da disciplina.

De maneira geral, a indisciplina escolar caracteriza-se por ações contra as regras da escola, falta de obediência e de ordem, que são praticadas por educandos.

O fator desordem, o não cumprimento de regras, a falta de obediência é o maior desafio pedagógico da educação no tempo atual. E o principal problema enfrentado pelos professores em suas salas de aulas.

Uma pesquisa feita por Tânia Zagury (2006) em 42 cidades e 22 estados da federação em 2002, com professores da rede pública e da rede privada, que atuam no ensino fundamental e no ensino médio, aponta que a principal dificuldade de trabalho enfrentada por educadores em sala de aula, é manter a disciplina escolar. Assinala, ainda, que 74% dessas dificuldades estão relacionadas à agressividade, rebeldia de alunos, falta de limites, falta de educação, excesso de liberdade familiar, falta de respeito e compromisso.

Todas as dificuldades expostas fazem parte do dia a dia das nossas escolas, tanto do setor público quanto do privado. Torna-se evidente a complexidade do fator (in)disciplina, e o quanto isso vêm a afetar e está afetando a educação.

A falta de disciplina em sala de aula prejudica de maneira grave o desempenho do professor e a assimilação de conteúdo por parte dos alunos. Isso afeta a qualidade de ensino de maneira direta, Baú ([2010?], p. 5) “a indisciplina escolar inviabiliza a prática educacional, pois a desorganização do trabalho proposto pelo professor prejudica resultados que a classe poderia atingir”.

Para Carvalho (1996) “as regras e disciplinas não são só reguladoras (no sentido de permitir, proibir, facultar), mas também construtivas”. Nesse sentido a regra e a disciplina são vistas como ferramentas que tornam possível a execução de algo. Tendo como exemplo um jogo de futebol, as regras do mesmo norteiam como o esporte deve ser jogado, tornando, assim, possível a realização da partida.

Levando esse exemplo para o campo da educação, vemos que a disciplina em sala torna o aprendizado possível. O professor necessita que os alunos tenham ordem e sigam regras, para fazer com que o aprendizado aconteça.

O excesso de autoritarismo que a escola exercia antigamente deu lugar ao excesso de liberdade nos dias atuais. Antes, as escolas tinham normas muito rígidas, tratavam o corpo discente com coação, medo e castigos físicos. Após a LDB 9394/96, a escola passou por mudanças profundas, e esse excesso de autoritarismo, que intimidava e reprimia os alunos, deu lugar a uma instituição onde se sobressai a liberdade.

De uma hierarquia engessada e rígida demais (até a década de 70), na qual as crianças não tinham espaço mínimo para contestação, a família moderna tentou criar um novo modelo de relações entre pais e filhos, em que o não-autoritarismo seria a base. Pena que se tenha exagerado na dose. Assim recaímos num extremo de liberdade... (ZAGURY, 2006, p. 89).

Essas ações refletiram de maneira bem significativa na escola. Onde antes se tinha um regime demasiadamente controlador, no tempo presente o que percebemos é uma instituição que deixa “o tudo pode” tomar de conta.

Isso faz as escolas perderem sua autonomia e, conseqüentemente acaba afetando sua principal função, que é preparar o aluno para a vida, para que ele venha um dia a tornar-se um cidadão pleno, ativo, crítico, participante na sociedade.

Essa produção não almeja e tampouco defende o retorno ao regime de alto controle que tínhamos no sistema educacional de décadas atrás, que reprimia e limitava o aluno. Defendemos a liberdade acima de tudo. Mas temos, também, a convicção de que a disciplina em sala de aula é necessária e de que, quando aplicada de maneira dosada, permite a fruição do ensino, possibilitando o pleno trabalho do educador.

## **2.1 CONTRIBUIÇÕES PSICOLÓGICAS DE AUTORES INFLUENTES NA PEDAGOGIA**

São inúmeros os teóricos que abordam, em suas obras, a questão do comportamento e da disciplina. A compreensão da questão disciplinar exige, todavia, a exposição, ainda que sucinta, das ideias defendidas por alguns dos pensadores que mais influenciam a pedagogia em nossos dias. Os autores mais estudados pelos pedagogos brasileiros capazes de orientar uma reflexão sobre a questão disciplinar são Piaget, Skinner e Vygotsky.

Esses grandes pensadores compartilham entre si o fascínio pelo estudo do comportamento humano. Seu apaixonado interesse levou-os a dedicarem parte de



suas vidas à pesquisa e obtenção de conhecimentos relevantes para a compreensão dos processos de aprendizagem, inclusive da aprendizagem do comportamento moral.

Seus esforços levaram, por mérito próprio, ao reconhecimento e aceitação de suas conclusões. Por esta razão, as contribuições científicas desses pensadores são apresentadas, estudadas, debatidas e analisadas nos cursos de licenciaturas, principalmente nas matérias pedagógicas. As obras e ideologias defendidas por esses pensadores resultaram em teorias que podem ser – e são, até os dias atuais – executadas em sala de aula.

### **2.1.1 SIR JEAN WILLIAM FRITZ PIAGET (PIAGET)**

Um dos mais importantes pesquisadores de educação e pedagogia, Jean Piaget nasceu na cidade de Neuchâtel (Suíça) em 09/08/1896 e morreu em 17/09/1980. Especializou-se em psicologia evolutiva e também no estudo de epistemologia genética. Seus estudos sobre pedagogia revolucionaram a educação, pois derrubaram várias visões e teorias tradicionais relacionadas à aprendizagem. Em 1918, Piaget foi morar na cidade de Zurique, onde trabalhou num laboratório de psicologia e estagiou numa clínica de psiquiatria. Posteriormente, estudou psicopatologia na Universidade de Sorbonne. Na França, fez pesquisas sobre as características do pensamento infantil, utilizando crianças francesas em geral e crianças portadoras de deficiência mental. No ano de 1921 escreveu suas primeiras teorias pedagógicas. Foi também diretor do Instituto Jean-Jacques Rousseau na Suíça e lecionou psicologia infantil na Universidade de Genebra. As ideias de Piaget estão presentes em diversos colégios do mundo todo. Suas teorias buscam implantar, nos espaços de aprendizagem, uma metodologia inovadora que busca formar cidadãos criativos e críticos. De acordo com suas teorias, o professor não deve apenas ensinar, mas sim e antes de tudo, orientar os educandos no caminho da aprendizagem autônoma.

Os principais livros de Piaget foram: *Linguagem e o Pensamento na Criança* (1923); *O Juízo e o Raciocínio na Criança* (1924); *A representação do mundo na criança* (1926); *A causalidade física na criança* (1927); *O julgamento moral na criança* (1931); *O desenvolvimento das quantidades físicas* (1941); *A gênese do número* (1941); *A noção de tempo na criança* (1946); *A geometria espontânea na*

*criança* (1948); *A representação do espaço na criança* (1948); *A gênese das estruturas lógicas elementares* (1959); *Da lógica da criança à lógica do adolescente* (1955). (CENTRO DE REFERÊNCIA EDUCACIONAL, 2008, p. 1)

Piaget defende que as ações morais consistem num sistema de regras e que estes conjuntos de regras são aprendidos. Considere-se, por exemplo, um indivíduo que, ao longo de sua vida, diariamente, pratica a honestidade, a justiça e o bom senso, e que pondere a respeito dessas ações como sendo morais. Na visão de Piaget, esse indivíduo age assim porque aprendeu a praticar esses valores.

De acordo com Vinha (2000), Piaget considerou que seria mais significativo tentar compreender o que faz uma pessoa executar ou não os princípios da moral, do que fazer (no sentido de obrigar alguém a) seguir tais princípios.

Transferindo essas ideias para a sala de aula, numa perspectiva teórico-prática, já que o aluno encontra-se num ambiente de formação, a teoria de Piaget busca compreender como a criança internaliza os valores morais, por exemplo, por que ela vem a praticar a solidariedade, a verdade, a se comportar em sala de aula, a fazer sua tarefa etc.

Para Piaget, a criança passa, ao longo de seu desenvolvimento, por diversos estágios que fazem parte do amadurecimento e desenvolvimento da cognição. Souto (2013) resume estes estágios: de 0 a 2 anos, estágio sensório-motor, dos 2 aos 7 anos, pré-operatório, dos 7 aos 12 anos, operatório concreto, e dos 12 anos em diante, estágio das operações formais. Essas fases elaboradas e defendidas pelo teórico ressaltam que a criança desenvolve sua cognição aos poucos, de maneira gradual e construtiva. Nesse sentido, para o pensador, a criança só é capaz de assimilar algo se sua cognição dispuser de maturidade suficiente.

Piaget argumenta que, assim como o desenvolvimento intelectual, a moral é adquirida em um processo de construção interior. O teórico relaciona e interliga a moral ao processo de desenvolvimento de fases pelo qual a criança passa. Portanto, para adquiri-la, é preciso ter inteligência, ou usufruir de ação cognitiva suficientemente desenvolvida, capaz de tornar possível a assimilação de determinado princípio.

Nessa linha de pensamento, embasada nas convicções do pensador, a criança, no seu processo formativo, em sua vivencia escolar, perpassa as fases de amadurecimento intelectual que permitem à mesma adquirir determinado conhecimento.

De acordo com o teórico, o conhecimento é construído aos poucos e através do contato e interação que o individuo têm com seu meio. Nessa linha de pensamento, a criança em sala de aula segue determinados valores (desonesta, bagunceira, violenta, desorganizada, ou honesta, solidária, empenhada, comprometida, estudiosa, etc) por conta do contato que ela tem com o meio em sua convivência, que a condicionou a executar tais ações.

### **2.1.2 BURRHUS FREDERIC SKINNER (SKINNER)**

Burrhus Frederic Skinner nasceu em 1904 na cidade de Susquehanna, no Estado da Pensilvânia, Estados Unidos. Concluiu o segundo grau em 1922, no mesmo ano entrou na universidade *Hamilton College*. Graduou-se em literatura inglesa e línguas românicas, em 1926, e, com essa formação, Skinner decidiu ser escritor. Essa ideia foi abandonada em 1928, quando resolveu fazer o curso de pós-graduação em psicologia, se inscrevendo no programa de Psicologia Experimental, em *Harvard University*. Obteve os títulos de Mestrado e Doutorado, em 1930 e 1931, respectivamente. Após o doutoramento, permaneceu em *Harvard*, até 1936, com um apoio financeiro para fazer pesquisas. Após isso, mudou para Minneapolis para assumir as atividades de professor e de pesquisador na *University of Minnesota*. Foi lá que Skinner encontrou espaço livre para ensinar e pesquisar o behaviorismo. Tornou-se chefe de departamento de Psicologia da *Indiana University*, em 1945. Neste local, começou a escrever *Verbal Behavior* e *Walden II*, publicados em 1957 e 1948, respectivamente. Em 1948, ele retornou a *Harvard* como convidado para pesquisar e ensinar naquela Universidade, na qual permaneceu até a sua aposentadoria, em 1974. Skinner morreu em 1990, vítima de leucemia. (CUNHA; VERNEQUE, 2004).

Skinner foi um dos principais colaboradores e defensores do behaviorismo, linha teórica da psicologia que analisa o comportamento humano. Para os que adotam essa linha filosófica, o comportamento geralmente é definido por respostas e estímulos.

Atraído pelas ideias behavioristas, Skinner desenvolveu uma corrente científica na qual a compreensão do comportamento humano se dá através da análise do comportamento observável. Além disso, dividiu o processo de aprendizagem em respostas operantes e estímulos de reforçamento, o que o levou a desenvolver técnicas de modificação de conduta na sala de aula.

A doutrina behaviorista de Skinner é considerada radical, por discordar de alguns postulados que a teoria behaviorista clássica defendia, tais como a impossibilidade do estudo de eventos não observáveis como os sonhos, a imaginação e os pensamentos. Para Skinner, todas essas coisas são modalidades de “comportamento encoberto”, que podem ser estudadas objetivamente, desde que tenham sido corretamente compreendidas. Assim, por exemplo, pensar nada mais seria do que falar consigo mesmo, em voz baixa – o que tornaria possível fazer a análise deste comportamento.

O pesquisador americano desenvolveu o conceito de comportamento operante, que hoje é considerado como a essência da Análise do Comportamento. Este tipo de comportamento é voluntário, e as suas consequências determinam a sua probabilidade de ocorrência. Se as consequências do comportamento forem interessantes para o indivíduo, este repetirá o comportamento. Se as consequências forem desagradáveis, porém, o indivíduo deixará de executar o comportamento.

Um operante pode ser modificado e até mesmo criado através de um procedimento chamado modelagem de comportamento, que, de acordo com Ogasawara (2009) consiste numa série de ações executadas com a intenção de condicionar uma resposta em um indivíduo. Neste processo, uma resposta qualquer do organismo é modelada através de reforço diferencial e de aproximações sucessivas. Isso se faz por meio de estímulos, sejam eles agradáveis ou aversivos.

O reforço pode ser positivo ou negativo. O reforço positivo faz uso de estímulos agradáveis cuja intenção é produzir uma nova conduta (um rapaz faz um elogio à sua namorada, em seguida ele ganha carinhos, esses carinhos estimulam positivamente o rapaz, para que, em outras ocasiões, repita o feito). O reforço negativo faz uso de estímulos aversivos com intenção de repelir uma determinada conduta (um chefe corta o ponto de seu funcionário por conta de atrasos sucessivos, e enfatiza que todas as vezes em que ele demorar a chegar ao trabalho sem justa

causa perderá em dinheiro o valor correspondente ao dia. A atitude do chefe estimula de maneira negativa o comportamento de seu funcionário chegar no horário, tornando-o mais forte).

Levando essas ideias para o campo educacional, Skinner argumenta que o comportamento de uma criança em sala de aula se dá através dos estímulos que ela recebe, e que a conduta do aluno pode ser condicionada por reforços positivos e negativos.

O reforço positivo é mais comum do que o negativo e pode ser executado de diversas maneiras: ao perceber o empenho de um aluno, o professor pode reforçá-lo positivamente fazendo um simples elogio, ou gratificando-o com um bônus de nota; para tentar sanar um problema de faltas, o professor pode, em um momento da aula, tirar um tempo para brincadeiras. Nesse último exemplo, o reforço não é aplicado diretamente ao aluno, mas é uma maneira positiva de condicioná-lo para que ele não se ausente das aulas, ou diminua suas faltas.

A punição não tem a intenção de castigar o aluno, apenas de impedir que ele continue a executar algo que esteja trazendo malefícios para seu aprendizado. Skinner adverte, porém, que é mais vantajoso utilizar, no ambiente escolar, o reforçamento e não a punição. O professor pode, por exemplo, em suas avaliações mensais, destinar parte da nota ao comportamento do aluno. O reforço do bom comportamento pode ser feito tanto de forma positiva (o aluno deve se comportar melhor para ganhar todos os pontos possíveis) quanto de forma negativa (o aluno já conta com determinada quantidade de pontos referentes ao comportamento, mas deve se comportar bem para não perdê-los).

Para Skinner, o reforço positivo é o mais eficaz, ele é mais aceito e mais simples de aplicar. O aluno se sente muito bem quando é reforçado de maneira positiva, portanto, é mais fácil e agradável condicionar alguém com estímulos positivos.

Para Skinner, quando um aluno se comporta com indisciplina em sala de aula, isto se dá devido aos estímulos que ele está recebendo na escola, que, inadvertidamente, estão fazendo com que ele se porte mal. Sua teoria defende que este mesmo aluno pode ser condicionado através de reforços planejados pelo

educador, a fim de modificar tal comportamento, capazes de fazer o aluno seguir as ações desejadas pelo mestre.

### **2.1.3 LEV SEMENOVITCH VYGOTSKY (VYGOTSKY)**

Lev Smenovitch Vygotsky nasceu em 1896 na antiga União Soviética, proveniente de uma família com boas condições financeiras e com um bom nível intelectual, sendo sempre estimulado a ler e pesquisar sobre as coisas de seu interesse. Sua formação intelectual foi feita basicamente em seu ambiente familiar, só indo para a escola aos 15 anos. Estudou em um colégio particular por dois anos, tempo suficiente para concluir os estudos secundários. Após a saída do colégio, ingressou na Universidade de Moscou no curso de Direito, que, diferentemente dos padrões que possuímos hoje, era um curso no qual se estudava e discutia questões pertinentes às Ciências Humanas. Frequentou também a Universidade Popular de Shanyavskii, onde aprofundou os seus estudos em Psicologia, Filosofia e Literatura mas, apesar disso, não recebeu nenhum título por essa universidade. Devido à diversidade de assuntos estudados por Vygotsky, inúmeras foram também as áreas da sua atividade profissional, sendo professor e pesquisador das áreas de Psicologia, Filosofia, Pedagogia e Psiquiatria. Apesar de ter vivido apenas até os 37 anos, é grande o número de trabalhos acadêmicos desenvolvidos por este autor. Atualmente as áreas de Psicologia e Pedagogia são as que mais trabalham com as obras deste autor e seus trabalhos mais conhecidos são os que se referem ao desenvolvimento humano (OLIVEIRA, 1993).

Vygotsky foi o primeiro estudioso a relacionar a aprendizagem ao meio. Construiu sua teoria tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos através da interação do sujeito com o meio.

A teoria de Vygotsky é considerada sóciointeracionista. Ele defende que o desenvolvimento cognitivo se dá através da interação que o indivíduo estabelece, ao longo de sua vida, com seu meio, no qual a cultura é vivenciada, repassada e aprendida. Segundo Ogasawara (2009) Vygotsky evidencia a relevância atribuída a relações sociais no processo de formação dos sujeitos.

O pensamento de Vygotsky diferencia-se do de Piaget pelo fato de ele considerar o fator sócio-cultural como parte significativa do processo ensino-aprendizagem, fator que Piaget não pôs em relevo.

Para Vygotsky a cultura molda o psicológico, determina a maneira de pensar, de agir, de se portar. Ele também defende que o sujeito é parte ativa em sua formação. Em sua convivência, o sujeito é formado pela cultura: ela fornece a aprendizagem que é adquirida pela convivência e interação que o indivíduo estabelece com o lugar onde vive.

O teórico analisa a escola como sendo um importante local de aprendizado, onde a cultura pode e deve ser repassada de maneira intencional para o aluno, que constrói seu aprendizado de forma subjetiva. O professor tem o papel de interferir no processo de ensino, mediando e estimulando os conhecimentos a serem assimilados pelos educandos.

Nessa perspectiva, um aluno torna-se indisciplinado por conta da cultura repassada e vivenciada em seu entorno, ele age de tal maneira por ver e interagir com agentes de seu grupo social, que se portam mal e julgam como corretas ações de indisciplinada.

De acordo com Vygotsky, o professor pode trabalhar a indisciplinada no intuito de amenizá-la ou extingui-la por meio da interação social. Ao ter contato com indivíduos de comportamento exemplar, o aluno acaba, por meio da convivência ativa, construindo sua formação ou modificando-a, tomando por base os princípios praticados por seu grupo de convivência.

### **3. A CONTRIBUIÇÃO DE JUDITH HARRIS: UM NOVO PARADIGMA PARA A PSICOLOGIA.**

Judith Rich Harris formou-se em Psicologia pela *Brandeis University*, em 1959, e concluiu Mestrado na Universidade de Harvard, em 1961. Escreveu diversos livros acadêmicos sobre desenvolvimento infantil até criar uma nova teoria que contradiz suas crenças anteriores e aponta um novo caminho para os estudos do desenvolvimento infantil. Depois de muitos anos presa a uma cama, vítima de doença crônica, despertou atenção ao publicar um artigo em 1995 na conceituada revista *Psychological Review*, uma das mais famosas revistas acadêmicas de

psicologia, sem estar ligada a qualquer universidade ou instituição. Neste artigo, ela apresentava sua teoria.

Essa autora contemporânea causou grande impacto no campo da psicologia ao apresentar seu pensamento. Ela questiona a influencia dos pais na criação de seus filhos, apresentando uma visão distinta sobre relações sociais, na qual estas são bem significativas para a formação do individuo.

Harris traz consigo um leque de estudos que solidificam sua tese. As convicções dessa autora vêm chamando atenção do meio científico e seu trabalho é considerado revolucionário, um divisor de águas no estudo do desenvolvimento e da personalidade humana. Recentemente, uma produção sua foi premiada por uma das mais respeitadas revistas do âmbito da psicologia, a revista *American Psychology Association*.

A autora evidencia o fato de que os pais têm pouco poder para determinar a personalidade de seus filhos: aquilo que as crianças vivem fora de casa, junto a seus companheiros, no dia a dia, é que determina, de fato, sua formação.

Para Harris, os principais elementos que influenciam a construção e a formação do individuo são a natureza (genética) e a criação (meio social). Harris (1999, p. 22) “As duas coisas que determinam o tipo de pessoa em que os seus filhos se tornarão são a natureza, os genes deles e a criação”.

A autora reconhece que a herança genética é parte integrante na formação do individuo, que ela ajuda, por exemplo, a determinar o desenvolvimento cognitivo, porém, as influencias do meio, que, para Harris se dão pelo contato direto ou indireto com grupos sociais, se sobressaem perante a genética. O contato com o meio é o fator mais significativo na formação de alguém. Harris (1999, p. 193) “As crianças nascem com certas características. Os genes delas as predispõem a desenvolver certo tipo de personalidade. Mas o meio pode mudá-las”.

Para a autora, os grupos sociais (meio social) em que a criança, ou o jovem estão inseridos modificam, formam e determinam o que a pessoa vêm a ser. Assim, se um indivíduo é extremamente violento, bagunceiro, mandão, ou empático, solidário, estudioso, esforçado, tais características foram adquiridas através do contato com os grupos sociais.



Harris enfatiza que os pais têm pouca influência na criação de seus filhos. Ela defende essa ideia utilizando vários exemplos, entre eles, o de pais imigrantes, que chegam a outro país. Em pouco tempo, seus filhos aprendem a língua local, sem sotaque, diferente dos genitores que não conseguem falar assim. À medida que o tempo passa, os filhos, mesmo convivendo com a cultura da família em sua casa, preferem e aderem à cultura do país em que estão morando.

Para ela, isso ocorre por causa do contato que os filhos de imigrantes têm com o meio social no qual estão inseridos. O contato com os grupos determina e modifica a formação do indivíduo, em razão da necessidade que o sujeito apresenta de enquadrar-se em seu ciclo social.

Essa necessidade de aceitação transforma o agir e a aparência da criança, forçando-a a se adequar ao padrão do grupo com o qual exerce contato. Isso faz a criança buscar maneiras de ficar mais parecida com as do meio em que deseja se enturmar. Assim se, em um grupo social do qual uma criança deseja fazer parte, se fala muitos palavrões, essa criança aprenderá e reproduzirá o que o grupo executa, aderindo-a um vocabulário que não fazia parte de sua vida até então. Afinal, a igualdade atrai, e a diferença repele.

Harris utiliza um exemplo de sua própria vida para explicar esse fato, acontecido depois que a família dela se mudou de estado,

Eu me vi criança, mais jovem e menor, e uma das poucas a usar óculos, numa sala de aula da quarta série num bairro arrogante do nordeste. As outras garotas eram mocinhas sofisticadas, interessadas em penteados, orgulhosa de suas roupas bonitas. Eu não era como elas, e elas não gostavam de mim. (HARRIS, 1999, p. 193)

Esse fato forçou uma garota, que antes era extrovertida e tinha vários amigos(as), a tornar-se uma criança introvertida e sem amizades, que buscava consolo nos livros. A família de Harris era a mesma, com seus pais agindo como sempre o fizeram, mas o meio social da autora modificou sua personalidade. Harris (1999, p. 1903) “As crianças do bairro arrogante tinham conseguido o que meus pais não tinham: eles tinham mudado minha personalidade”.

Harris poderia ter modificado seu agir, de maneira a se enquadrar no padrão das meninas, procurando ficar mais parecida com elas, que é o que ocorre na

maioria dos casos. A criança ou jovem se adequa a determinado grupo. Essa não aceitação que Harris sofreu por parte de um grupo social, ocorreu por ela ser diferente dos padrões do grupo. O ser humano tende a juntar-se ao seu semelhante, e a repelir o diferente.

Alguns grupos sociais são chamados de grupos de referência. Eles influenciam diretamente os indivíduos, mesmo quando a criança (ou o adolescente) não é um integrante do grupo. Foi isso que aconteceu com a autora: ela modificou sua personalidade por conta de um grupo de referência do qual nunca fez parte. Este é um exemplo impressionante do poder e da influência que o meio, o contato social, os grupos de referência exercem na formação de um indivíduo.

Harris explica que, desde o momento em que uma criança passa a ter contato com outras crianças (na creche, por exemplo) ela começa a formar concepções a partir do outro. Harris (1999, p. 210) “contudo, quando as crianças passam do colo das mães para o grupo de brincadeiras, num certo sentido, elas deixam de ser as crianças dos pais delas e se tornam as crianças da comunidade”.

Quando a criança inicia sua socialização, ela percebe e reconhece o colega como seu semelhante. Desde então, começa a formar e a fazer parte de grupos sociais, ou de referência, sendo influenciada pelos mesmos. Mas como pode uma criança de colo ser influenciada por outra?

Essa pergunta pode ser respondida com um exemplo prático, digamos que duas mães levem seus filhos para brincarem no parquinho. De início, as crianças farão contato visual, no qual uma percebe e reconhece características em comum com a outra. Logo, elas, na maioria das vezes, exercem o contato físico: uma toca na outra, e, em seguida, começam a brincar.

É nas brincadeiras que essa influência ocorre. Uma imita a outra. Se uma subir em um brinquedo a outra subirá também; se uma se sentir incomodada ou com medo, irá chorar e correr para os braços da mãe, e a outra também fará o mesmo. Desde a infância começamos a construir e a ser parte integrante de grupos sociais, mas não percebemos, ou percebíamos isso. Harris (1999, p. 208) “... entre um e três anos, as crianças começam a fazer amizades verdadeiras”. Ou seja, entre um e três anos a criança dá início ao seu ciclo social.

De início, as crianças expõem a influência sofrida por meio da imitação. Harris (1998, p. 207) “a imitação é uma especialidade humana; nem uma espécie faz isso tão bem quanto a nossa”. A criança começa a imitar de maneira mais elaborada por volta dos dois anos de idade. Elas reproduzem tudo, principalmente seus semelhantes e seus irmãos mais velhos, que são modelos pra elas.

A criança em idade pré-escolar prefere imitar outras de sua idade, elas são induzidas mais facilmente por seres semelhantes. Harris (1999, p. 216) “só há uma maneira de fazer com que uma criança em idade pré-escolar aprenda a gostar de um alimento que despreza: sentá-la à mesa com um grupo de crianças que gostam dessa comida e servi-la a todas elas”.

À medida em que vão crescendo, as crianças passam a admirar e imitar outros. Entre os preferidos, estão os irmãos mais velhos e os colegas de classe na escola. Essa imitação que as crianças mais novas fazem das mais velhas, ajuda-as a aprender comportamentos úteis, Harris (1999, p. 215) “uma criança não precisa queimar os dedos no fogão aceso para aprender a não tocar nele: tudo que ela tem a fazer é observar o que acontece quando o irmão dela toca no fogão”.

No decorrer do seu desenvolvimento, e a partir dos seus primeiros anos, a criança em formação começa a identificar-se com os outros e busca descobrir que tipo de pessoa é. Depois, ela aprende a comportar-se como os membros da categoria social da qual faz parte. Com o passar dos anos, a criança constrói características de personalidade que podem durar a vida inteira.

Um dos períodos de formação mais complexos e delicados acontece em meados da infância, na faixa que vai dos 6 aos 8 anos de idade. Segundo a autora, esse é “... O período em que as coisas mais importantes acontecem. É quando as crianças se socializam definitivamente e quando ocorrem as mudanças permanentes em suas personalidades”. Harris (1999, p. 228)

Esse período requer muita atenção, pois é nele que a criança pode se tornar uma pessoa confiante, extrovertida, desinibida, disciplinada, educada, esforçada, bem como uma pessoa de personalidade difícil, arrogante, indisciplinada, irresponsável, tímida etc.

Para a autora, é nesse período que os estudantes moldam seu agir em sala de aula de maneira permanente. O garoto que não é tão forte e alto, pode tornar-se o “palhaço” da turma, a mocinha que não exerce um padrão de beleza considerado bonito se torna a pessoa que tira as melhores notas.

É nesse período que os grupos sociais ou de referência exercem mais influência, pelo fato de a criança estar em constante aprendizado, que se faz por imitação. A criança constrói sua formação embasada em modelos. É isso que os grupos de referência fazem: fornecem um padrão, um norte, que determina a maneira de falar, agir, vestir e se portar.

Se a criança identifica-se com o modelo do grupo, ela adota-o, aderindo-o e seguindo o padrão do grupo, Harris (1999, p. 219) “as crianças talham seu comportamento pelo comportamento dos outros em seu grupo”, se não tem afinidade ou não é aceita, mesmo assim ela é influenciada e cria seu próprio padrão, ou tenta entrar em outro grupo.

Como já foi mencionado, a criança considera vários modelos em potencial, e faz deles referências a serem seguidas, mas ela age de maneira distinta de acordo com o seu círculo social. Considerando um garoto, por exemplo, ele pode brincar com sua irmã mais velha de casinha quando estão em sua residência, mas ele dificilmente brincar com ela na escola.

É identificando-se com outros, observando as crianças mais velhas, e principalmente participando de grupos sociais, que a criança constrói sua personalidade, sua formação, que determina o seu agir em sociedade.

Harris afirma que a criança em formação não assimila e não segue apenas uma cultura. Ela pode, em sua casa, praticar ensinamentos de seus pais, mas não seguir essas doutrinas na casa do colega ou na escola. Para a criança, a cultura repassada e assimilada dos grupos sociais, é mais importante e expressivamente mais praticada do que a repassada pelos pais.

A sociedade põe muito peso e responsabilidade sobre a família, vendo-a como principal formadora de seus filhos. A teoria que a autora defende ameniza essa responsabilidade dada aos pais, expondo outros elementos que interferem e

influenciam na formação do indivíduo de maneira mais expressiva e significativa do que a família.

### **3.1 AS IMPLICAÇÕES DA TEORIA DE JUDITH HARRIS PARA O ÂMBITO EDUCACIONAL**

A teoria defendida e apresentada por Harris têm grande potencial de contribuição no campo educacional. Ela explica a formação do indivíduo sob uma ótica inovadora, com conceitos ousados, que vão contra muitos pensamentos aceitos no tempo presente. Ela defende sua tese com argumentos embasados em estudos científicos de vários campos das ciências e apresenta de maneira convincente seu estudo.

A teoria de Harris pode ser muito útil para o meio educacional, pois uma vez que se sabe como a formação do indivíduo acontece, fica mais fácil e potencialmente eficaz, trabalhar e intervir nesse processo. A escola, o professor, e a família, podem juntos, elaborar meios de intervenção, norteando a formação do indivíduo.

Sendo os grupos sociais, ou de referência, o principal agente na formação do sujeito, é necessário que a escola transmita parte da responsabilidade costumeiramente dada à família, para os grupos sociais ou os próprios indivíduos, pois até então, é o núcleo familiar que é julgado como responsável pelo comportamento, sucesso ou insucesso dos alunos.

A autora deixa claro o limitado poder que os pais ou responsáveis exercem na formação dos filhos. Assim, se uma criança é muito indisciplinada na sala de aula, isso acontece por conta das influências de seu(s) grupo(s) de referência(s), porém a escola culpa a família, identificando-a como única responsável pelo comportamento do aluno. O contrário também acontece, isto é, se uma criança vai muito bem na escola, os professores ressaltam a influência da família, argumentando que o aluno está indo bem por conta do acompanhamento que a família fornece ao aluno.

Essa responsabilidade atrelada ao vínculo entre pais e filhos, e o julgamento que se faz da família como a principal responsável na formação da criança é, hoje, amplamente defendida e aceita. Segundo Soares ([ca. 2010], p. 7) “a família desempenha um papel decisivo na educação formal e informal dos filhos...”. A

sociedade, inúmeros teóricos e a escola, seguem e defendem isso, responsabilizando a família pelo comportamento que a criança desempenha em sociedade, seja ele bom ou ruim.

De fato, a família é importante, e também contribui na formação do indivíduo, no entanto, sua participação é bem menos expressiva, quando comparada à que os grupos sociais exercem. Temos que tirar o peso da responsabilidade depositada sobre a família. Não podemos apontá-la como única responsável por êxito ou “fracasso” da criança na escola.

De acordo com a autora, se uma criança age de determinada maneira na escola, se é esforçada, atenciosa, disciplinada, bagunceira, violenta, isto acontece por conta das influências recebidas de seu meio social, no qual, de forma direta ou indireta, ela é induzida a se portar de determinada maneira, Harris (1999, p. 235) “se uma criança entra numa panelinha de crianças com bom desempenho escolar, a atitude dela para com o trabalho escolar provavelmente irá melhorar; Se ela sai, a atitude dela irá piorar”.

Um aluno pode tornar-se indisciplinado identificando-se com o colega ou os colegas de sala. A partir de então, esse aluno agirá de maneira parecida a seus colegas, para ser aceito no grupo deles.

A teoria de Harris pode explicar e ajudar a resolver muitos fenômenos que acontecem nas nossas escolas, entre eles o da indisciplina, que vêm crescendo a cada dia que passa e constituindo o principal desafio dos professores em sala de aula. Na maioria das vezes, esse fato é associado ao núcleo familiar, sendo este responsabilizado pelo mau comportamento do educando em sala de aula. Todavia, esse mau comportamento, e a indisciplina que o aluno apresenta em sala de aula, são um reflexo do contato e da participação do aluno em seu ciclo social, que molda o seu agir individual.

#### **4. ANÁLISE DAS CAUSAS E DOS FATORES QUE IMPACTAM A (IN)DISCIPLINA ESCOLAR**

##### **4.1 CAUSA, FATOR E SUAS PECULIARIDADES**

De acordo com Tondinelli (2009) “Causa”, é o ponto de partida de sustentação existencial de um objeto diante do mundo que o cerca. A causa não é

simplesmente uma condição lateral ou aleatória, mas refere-se ao próprio motivo existencial do elemento. Já “Fator” é um termo que se refere a circunstâncias, assumindo a posição de mero participante para a concretização de um final determinado.

Assim, podemos entender causa como a responsável pela existência de algo, e fator como um elemento que ajuda a concretizar algo. É importante que o professor saiba as diferenças e o que significa cada termo, pois é necessário considerar as causas e os fatores para combater a indisciplina. Entender que cada termo é algo distinto e que exige uma maneira diferente para se trabalhar com ambos.

## **4.2 POSSÍVEIS CAUSAS E FATORES DA INDISCIPLINA ESCOLAR**

A indisciplina tem sido algo rotineiro no ambiente escolar. É uma realidade imensamente comum na escola, lugar onde deveria reinar o aprendizado de regras indispensáveis ao bom convívio. No entanto, alguns alunos parecem ignorar tais regras, ou talvez a instituição escolar não esteja exercendo de forma satisfatória o seu papel.

Contudo, estamos à procura de saber o que, de fato, leva o aluno a um comportamento não condizente com as normas do convívio social dentro da escola. É sabido que, ao chegar nela, o aluno traz consigo uma bagagem de conhecimentos e valores adquiridos no convívio com a família e com outros grupos sociais nos quais a criança está inserida. Isso pode influenciar consideravelmente o modo de agir do educando na sala de aula. Vamos, então, evidenciar alguns elementos que motivam e contribuem para a indisciplina escolar.

### **4.2.1 A FAMÍLIA**

Ainda que tenhamos reconhecido, a partir do pensamento de Judith Harris, as limitações da influência paterna sobre a personalidade dos filhos, é importante tematizar a responsabilidade dos pais sobre o comportamento disciplinado ou não das crianças. Isto porque a própria Harris reconhece que eles são fundamentais nos primeiros anos da infância. A autora admite, também, que os pais podem continuar influentes depois, embora o seu raio de ação torne-se cada vez menor, à medida em que os filhos vão crescendo e conhecendo novos ambientes.

A escola deve dar continuidade à educação que o seio familiar proporciona, deve ensinar o educando a ser disciplinado, sendo que a primeira disciplina tem que vir da família, no qual os pais devem agir com bons exemplos perante as crianças, Caso contrário, acabarão contribuindo para a formação de crianças indisciplinadas e, conseqüentemente, tal comportamento se estenderá para os corredores escolares.

A família, nesse contexto, desempenha, um significativo papel. Ela é o principio indispensável para que todos convivam bem e em harmonia na sociedade. Uma família desestruturada internaliza, nas crianças, o sentimento da indisciplina, que se estenderá até a sala de aula.

A família é um início para todos conviverem bem em sociedade, é a segurança para enfrentar qualquer problema, mas se por algum motivo a família se desestruturar, ou viver em conflitos, será como a razão para a indisciplina existir em uma criança, ocasionando diretamente no espaço escolar e na sociedade. (CARVALHO; RODRIGUES, [2012?], p. 7)

Infelizmente, hoje, o modelo nuclear de família já não é mais referência para nossas crianças. Antigamente o termo família designava um pai, uma mãe e filhos. Hoje, porém, família é aquela onde a criança convive com alguém que é responsável por ela, podendo ser pai, avós, tios, irmãos, padrinhos, entre outros, e estas pessoas servirão como exemplo para a criança e irão influenciar em sua conduta.

Nesse sentido a criança entra em contato com diferentes modelos de funcionamento, e, conseqüentemente, terá uma formação diferente da que seria dada por seus pais. Há casos em que os pais passam o dia fora de casa, seja trabalhando ou à procura de trabalho, deixando a criança sozinha em casa ou com outros parentes, ou até mesmo no meio da rua, e, dessa forma deixam a cargo de terceiros a formação de seus filhos. Há outros casos em que pais separados ou em fim de relacionamento brigam, discutem, e a criança acaba vendo e ouvindo tudo aquilo, o que provoca enormes alterações comportamentais.

O resultado desse estrago interfere no processo ensino-aprendizagem, levando o aluno a ter falta de interesse por estudar e prestar atenção na aula. E, é claro, não podemos deixar de falar naquelas famílias em que muitas pessoas são alcoólatras, drogadas, violentas e, às vezes, agridem-se frente às crianças, e no pior dos casos, a criança também é agredida.



Nem todos os pais compreendem que são responsáveis por seus filhos, nem todos sabem impor limites, nem tampouco sabem esclarecer as crianças a respeito dos direitos e deveres a serem cumpridos. A criança acaba chegando à escola com hábitos, condutas, inseguranças, traumas e revoltas, que são reflexos de uma educação concebida no seio familiar. Assim sendo, todas as condutas indisciplinadas são transferidas diretamente para a escola, que tem a difícil tarefa de tentar regularizar a situação estabelecendo regras e normas.

No entanto, na família em que pais e filhos têm um bom relacionamento, existe o respeito mútuo. Há o estabelecimento de limites e, nesse caso o bom comportamento e desempenho são consequência esperáveis.

...Um ambiente familiar em que “pais” e filhos se relacionam bem, respeitando-se mutuamente, onde há afeto e estabelecimento de limites, facilita a criação de um clima de equilíbrio emocional dentro de casa, o que ajuda no bom comportamento e desempenho dos filhos na escola. (OLIVEIRA, 2009, p. 9).

#### **4.2.2 A ESCOLA**

A escola, ao longo dos anos, vem passando por diversas transformações e problemas. Alterando consideravelmente a sua dinâmica, nela surgem fatores como falta de infraestrutura adequada, aumento no número de vagas, implantação de diversas tecnologias sem o manuseio adequado, entre outras, que de alguma forma podem estar contribuindo para a indisciplina dos alunos. A escola tem se tornado um ambiente desagradável para os alunos, e frequentá-la passou a ser uma obrigação imposta pelos pais ou responsáveis.

A escola tem perdido seus atrativos, já não desperta mais o interesse da criança. De acordo com Oliveira (2009), quando isso acontece, o aluno cria as mais diversas estratégias para amenizar a situação “desagradável” de sala de aula e frequenta a escola tendo em vista apenas dois objetivos: divertir-se e ser aprovada. Isso leva o discente a praticar atos de indisciplina, como ficar disperso, conversar com os colegas e colar nas provas.

A instituição educativa passa por um momento delicado. O espaço educacional trava uma batalha desigual com o espaço fora da escola, que fornece inúmeras atrações, de interesse do alunato, com as quais a escola não têm conseguido competir.

No entanto sabemos que são muitos os esforços de algumas gestões escolares em mudar esse quadro assustador, estimulando a aprendizagem. Mas

também sabemos que é uma minoria que tem demonstrado essa preocupação. O governo também tem sua parcela de culpa. Ele tem fugido de suas responsabilidades para com a escola, esta está longe de ser um prioridade: na verdade, o que vemos é um total desprezo.

A escola jamais educará alguém sozinha, nem tão somente disciplinará alguém sozinha. Em momento algum a responsabilidade educacional da família terá fim. O fato de os pais escolherem uma escola para matricular seu filho não quer dizer que, a partir daquele momento, toda a responsabilidade educacional ficará a cargo somente e exclusivamente da escola. Pelo contrario, é nesse momento que se inicia uma relação, na qual é preciso o dialogo entre todos os envolvidos: escola, pais e filhos. A participação da família deve se firmar no auxilio à atuação pedagógica da escola, dando continuidade à trajetória educacional das crianças.

#### **4.2.3 O PROFESSOR**

Os atos indisciplinados dos alunos também podem estar ligados à atuação do professor em sala de aula. Este desempenha um papel de coordenador do processo educativo, pois cria espaços pedagógicos interessantes, estimula e desafia, para que os alunos construam conhecimentos significativos. Nesse caso o professor precisa estabelecer uma comunicação eficaz para que ocorra um aprendizado significativo.

Os conteúdos ministrados e a metodologia utilizada muitas vezes não condizem com as expectativas e a realidade dos alunos, ou seja, os alunos não conseguem entender para que aprender determinadas matérias que não fazem sentido algum para sua vida cotidiana. (OLIVEIRA, 2009, p. 15/16)

É necessário que o professor tenha uma ação pedagógica concreta, que ele saiba utilizá-la em sua turma. Além de levar conhecimentos, é necessário que ele, em seu trabalho, dê sentido ao que repassa. Caso contrário, poderá levar o aluno a ficar indisciplinado, sem interesse em aprender.

É comum ouvirmos dos professores queixas sobre a falta de respeito e de vontade de estudar, a falta de limites que os alunos vêm demonstrando, dia após dia, dentro das salas de aulas. Mas a que isso se deve? O professor é o responsável por essa postura inadequada do aluno em sala de aula? A tarefa de educar uma criança não é das mais fáceis, e está longe de ser. O professor é um dos atores

responsáveis por essa tarefa, apenas um dos responsáveis, e tem enfrentado diversos desafios, como a super lotação de salas de aulas, que é uma das tantas barreiras encontradas.

A democratização do ensino tem atingido, hoje, níveis elevados. O número de vagas nas escolas aumentou e junto com esse aumento vieram diversos problemas. Manter a ordem dentro de uma sala heterogênea é uma missão quase impossível para um único professor.

Outra barreira enfrentada pelos educadores são as mídias eletrônicas. Os alunos manuseiam os mais variados tipos de mídias e aparelhos eletrônicos estando conectados ao mundo virtual o tempo todo, o professor em sala de aula, na maioria das vezes nem sabe lidar com tais mídias, nem tampouco atrelá-las ao processo ensino-aprendizagem, fazendo de suas aulas apenas lições expositivas, o que pode torná-las cansativas e entediantes, levando assim, o aluno a ficar disperso e procurar outros meios de distração.

#### **4.3 POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA A INDISCIPLINA ESCOLAR**

A indisciplina não é algo que nasce com o aluno e morre com ele, e nunca se mantém com as mesmas características. Porém dificilmente encontraremos receitas ou fórmulas prontas para as soluções de indisciplina. É necessário situá-las em seus termos, de acordo com as características de cada aluno, ou seja, compreender o comportamento do aluno dentro de seu contexto de vivência.

Educar, como dito antes, não é tarefa fácil. Educar um aluno indisciplinado configura-se em uma batalha de esforços contínuos com alianças bem formadas. O que desejamos é uma escola disciplinada, ou o mais próximo disso. Nesse caso é essencial que sejam compartilhados com os alunos expectativas que revelem suas potencialidades levando-os a descobrir suas responsabilidades junto à escola. É preciso alimentar o sentimento de todos os agentes educacionais sobre metas, realizações e problemas dos estudantes, pois a escola é um ambiente onde deve reinar e se propagar o diálogo e onde todos os envolvidos no processo educacional devem ser ativamente participativos.

O professor dentro da sala de aula tem que procurar desenvolver mais sua autonomia para lidar com a indisciplina. De acordo com Amado ([200?], p. 6) "... o aluno valoriza aquele professor que sabe liderar a turma, impondo as regras

necessárias ao trabalho e à relação, impondo a ordem com a firmeza necessária, sem cair no autoritarismo nem no pessimismo”. Assim, o professor têm que ser firme, com suas próprias condições metodológicas, executar seu trabalho com firmeza, porem sem exagero de comando, sem se tornar autoritário, permitindo livre manifestação dos alunos, desde que em ações construtivas ao saber.

Em hipótese alguma o professor será o único responsável por lidar com a indisciplina dos alunos, até porque todo trabalho só terá resultados concretos se executado na coletividade. O conjunto da escola deve procurar formas preventivas de combate à indisciplina. Propiciar espaços que proporcionem o diálogo entre aluno e escola seria um passo significativo rumo a uma sociedade libertadora. A formação de professores em serviço voltada para a solução de problemas vivenciados no dia a dia da sala de aula é uma necessidade gritante em nossa educação. Segundo Bandeira ([200?], p. 2) “Pensar em educação pressupõe pensar a formação docente e a prática pedagógica com qualidade”.

O professor tem que estar bem qualificado para exercer um bom papel em sala de aula, tem que saber lidar com a turma e ter domínio pleno dos conteúdos a serem ministrados. Caso contrário, isso pode estimular e favorecer a indisciplina de seus alunos. O docente também deve saber usar muito bem o tempo da aula, e não passar atividades curtas, que deixem sobrar muito tempo, pois a falta do que fazer pode ocasionar a indisciplina na classe.

Antes de tudo, o professor deve ser um profissional extremamente capacitado, que use de maneira adequada tudo que lhe foi proporcionado em sua graduação, e que o execute de maneira condizente e satisfatória em sua práxis educativa.

Envolver mais os pais em atividades escolares também é um desafio a ser superado pela escola como forma de minimizar a indisciplina do aluno. Isto porque a educação só se efetiva no coletivo, e conseqüentemente a indisciplina somente será vencida se todos contribuírem igualmente com ações humanizadas.

A educação não deve existir para silenciar ou limitar os alunos, tampouco para barrar o desenvolvimento criativo e participativo. A educação deve valorizar o coletivo, contribuir para a autonomia de seus agentes e o desenvolvimento intelectual dos alunos, e só assim teremos a tão sonhada sociedade do conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de pedagogia é vasto e abrangente, e conta com uma literatura mista, percorrendo inúmeros campos científicos, que são de fundamental importância para a formação integral de um profissional qualificado. O pedagogo pode atuar em vários campos, trabalhar em espaços não escolares, ONGs, hospitais, empresas, presídios, pode gerir e coordenar escolas, mas a maioria desses profissionais, trabalham nas salas de aulas como professor, e lá, se deparam com inúmeros desafios que exigem conhecimentos técnicos para resolvê-los. Entre esses desafios, está a indisciplina escolar, que, de acordo com a pesquisa (já referida neste trabalho) feita por Tania Zagury, é a maior dificuldade encontrada pelos docentes em sala de aula.

A falta de disciplina na escola dificulta o trabalho docente, e prejudica a aprendizagem do aluno. Esse problema afeta diretamente a qualidade da educação, e fragiliza os objetivos almejados para a formação desejada dos educandos. As consequências da indisciplina podem ser bem graves, e exigem medidas de combate urgentes. Conforme argumenta Pirola (2009, p. 84) “é evidente que, para que a aprendizagem dos conteúdos ocorra, é necessário o estabelecimento de parâmetros, regras e limites entre os professores e os alunos”.

A disciplina de psicologia aplicada à educação contribui expressivamente na formação do pedagogo.

As disciplinas psicológicas nos cursos de formação docente representam um eixo importante na formação do professor e, como tal, devem partir das questões educacionais, tornando-as objeto de investigação, e analisá-las nas perspectivas dos conteúdos e métodos psicológicos, com foco no retorno ao ponto de partida, que é, afinal, a prática educativa. (RAPOSO;MACIEL, 2006, p. 5)

A psicologia fornece conhecimentos que auxiliam e facilitam o bom desempenho do trabalho na sala de aula, sendo uma importante ferramenta para o professor. Ela é um valioso mecanismo no combate da indisciplina escolar, pois revela importantes conhecimentos acerca do comportamento humano. De uma vez que se entende o comportamento, pode-se trabalhar em cima dele.

A psicologia conta com inúmeros teóricos conhecidos, cujas obras influenciam a pedagogia, como Piaget, Skinner e Vygotsky. Estes apresentam e expõem

trabalhos que analisam a formação, o comportamento, e a aprendizagem. Esses grandes pensadores são estudados nas licenciaturas, e suas obras podem ajudar significativamente nas ações pedagógicas ligadas à indisciplina.

É preciso reconhecer, todavia, que nem sempre os objetivos pelos quais se estuda a psicologia nos cursos de pedagogia são atingidos de forma satisfatória. Por vezes, seus professores limitam-se a ministrar o conteúdo teórico, tangenciando ou mesmo evitando a discussão a respeito da aplicação prática do que é estudado. Assim, o futuro professor acaba por ser formado sem um conhecimento técnico adequado para lidar com problemas com os quais há de se defrontar mais tarde. A verdade é que, nos dias de hoje, um professor dificilmente escapará do problema da indisciplina. Este é um problema recorrente, afeta todas as escolas brasileiras, dificulta o trabalho do professor e prejudica a aprendizagem do aluno. É preciso que os professores dos cursos das licenciaturas, encarem esse problema como algo que necessita de intervenção, e preparem os futuros educadores para que eles possam lidar com e resolver os desafios da falta de disciplina na escola. Hoje, entretanto o que se observa é que as graduações lidam apenas de maneira sucinta com as questões relacionadas à indisciplina escolar.

Nos cursos de formação, a preparação do professor para os aspectos relacionais, incluindo a indisciplina, é tratada de forma superficial; muitas vezes esses cursos não alertam para a problemática da relação professor-aluno, para as causas da indisciplina e da violência que ocorrem dentro das escolas, para as formas de prevenção, e não orientam para um gerenciamento de sala de aula que envolva motivação e participação dos alunos. (OLIVEIRA, 2009, p. 15)

Nesse sentido, a psicologia tem muito a contribuir com a educação, Raposo e Maciel (2006, p. 93) reconhecem que “O conhecimento psicológico contribui para melhorar a compreensão e a explicação dos fenômenos educativos, porém o seu estudo deve facilitar igualmente a ampliação e o aprofundamento do conhecimento psicológico”.

Raposo e Maciel defendem a importância da psicologia na prática educativa, ressaltando a necessidade de estudo e aprofundamento do tema. Nesse sentido, os professores em formação, juntamente com seus docentes, devem estudar, de maneira mais abrangente e detalhada, as colaborações da psicologia, para assim efetuar de maneira satisfatória a práxis educativa.

Uma alternativa capaz de preparar e qualificar os futuros educadores seria, durante sua graduação, estudar autores que abordem as questões comportamentais, de aprendizagem e desenvolvimento, de forma mais detalhada e aprofundada, extraindo de suas colaborações, conhecimentos e técnicas que possam ser aplicados em sala de aula, como por exemplo, o reforço positivo proposto por Skinner, ou a feitura de trabalhos em grupo, a fim de modificar o comportamento de alguma criança por meio da interação social, defendida por Vygotsky.

Os professores das licenciaturas devem, também, abordar e explorar outras fontes que ainda não são tão conhecidas, mas que podem ser úteis para entender e combater a indisciplina, tal como a teoria da Judith Harris, que traz conceitos novos a respeito de como se constrói a formação do indivíduo, numa perspectiva diferente da até então exposta pelos grandes pensadores do assunto em questão.

É necessário que os cursos das licenciaturas capacitem de maneira qualitativa os futuros professores, para que eles adquiram técnica satisfatória para lidar da melhor maneira possível com a indisciplina na escola, pois ela é um problema abrangente e crescente, que os educadores certamente encontrarão em suas jornadas de trabalho.

## REFERÊNCIAS

AMADO, João. A Indisciplina e a Formação do Professor Competente. [200?].

AMARAL, Rogerio do. As contribuições da pesquisa científica na formação acadêmica. [2010].

BANDEIRA, Hilda Maria Martins. Formação de professores e prática reflexiva. [200?].

BAÛ, Lilianne Blauth. Indisciplina x Ensino-aprendizagem: Questões Atuais. [2010?].

CARVALHO, José Sérgio F. de. Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como práticas sociais. In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Summus, 1996.

CARVALHO, Luana Patrícia, RODRIGUES, Erinaldo Reinaldo. A indisciplina Na Escola: Causas e Diferentes Manifestações. [2012?].

CENTRO DE REFERÊNCIA EDUCACIONAL. Disponível em; <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/teorias-teoricos/jean%20piaget.pdf>>2008. Acesso em: 02.nov.2014

CUNHA, R. N. da; VERNEQUE, L. P. S. Notícia: Centenário de B. F. Skinner (1904-1990): uma ciência do comportamento humano para o futuro do mundo e da humanidade. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 20, n. 1, abr. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010237722004000100014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722004000100014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20.dez. 2014

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurelio Século XXI Escolar: o minidicionario de língua portuguesa*. 4.ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HARRIS, Judith Rich. *Diga-me com quem anda*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

OGASAWARA, Jenifer Satie Vaz. *O conceito de aprendizagem de Skinner e Vygotsky : um dialogo possível / Jenifer Satie Vaz Ogasawara*. - Salvador, 2009. 45f.

OLIVEIRA, Martha Khol de. *Vygotsky*. São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, Maria Izete de. Fatores psico-sociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 14, n. 27 p. 289-305, jul./dez. 2009.



Pirola, Sandra Mara Fulco As marcas da indisciplina na escola: caminhos e descaminhos das práticas pedagógicas / Sandra Mara Fulco Pirola – Piracicaba, 2009. 155 f.

RAPOSO, Mírian Barbosa Tavares, MACIEL, Diva Maria Moraes Albuquerque. A psicologia e a formação docente: uma contribuição do sociocultural construtivismo. Linhas Críticas, vol. 12, núm. 22, enero-junio, 2006, pp. 91-108, Universidade de Brasília Brasil.

REGO. T. C. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygostskiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Summus, 1996.

RODRIGUES, William Costa. Metodologia Científica. 2007.

SOARES, Jiane Martins. Família e escola: Parceiras no processo educacional da criança. [ca. 2010].

SOUTO, Edvandro. Pensadores que Influenciaram a Pedagogia. Disponível em; <<http://pedagogiaaopedalettra.com/pensadores-que-influenciaram-a-pedagogia/>> Acesso em: 02.dez.2014

TIBA, I. Disciplina: o limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.

TONDINELLI ,Tiago. A diferença entre fator e causa para o entendimento da justiça e do direito. 2009.

Vinha, Telma Pileggi. O educador e a moralidade infantil: Uma visão construtivista/ Telma Pileggi Vinha.- Campinas, SP: Mercado de letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

ZAGURY, T. O Professor Refém: Para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
(X) Monografia  
( ) Artigo

Eu, **MÁRCIO JOSÉ DE SOUSA ARAÚJO**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **CONTEXTUALIZANDO A INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA ANÁLISE CRÍTICA E DISCURSIVA** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-Pi31 de janeiro de 2015.

*Márcio José de S. Araújo*  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Assinatura